

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA

MARCELLE CASSANI DE SOUZA

A CONTRIBUIÇÃO DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DOCENTE

MARINGÁ

2016

MARCELLE CASSANI DE SOUZA

**A CONTRIBUIÇÃO DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO
DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia, como
requisito parcial para o cumprimento das
atividades exigidas na disciplina do TCC.

Orientação: Profa. Dra. Terezinha Oliveira.

MARINGÁ

2016

MARCELLE CASSANI DE SOUZA

**A CONTRIBUIÇÃO DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NA A FORMAÇÃO
DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia,
como requisito parcial para o cumprimento
das atividades exigidas na disciplina do
TCC.

Orientação: Prof.^a Dra. Terezinha Oliveira.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a Terezinha Oliveira (Universidade Estadual de Maringá)

Prof. Ms. Rafael Henrique Santim (Instituto Federal do Paraná – Campus Palmas)

Prof.^a. Dr.^a Conceição Solange Bution Perin (UNESPAR)

RESUMO

O objetivo desse texto é refletir sobre a relevância da Filosofia da Educação para formação docente. Para melhor analisar essa questão, verticalizamos nosso estudo considerando dois autores que viveram na Idade Média particularmente porque foram mestres. O primeiro a ser considerado é Hugo de Saint-Victor (1096-1141). O segundo é o frade dominicano Tomás de Aquino (1225-1274), Universidade de Paris no século XIII, na sua segunda metade. Esses mestres nos evidenciam o quão é importante a leitura e a reflexão para a formação intelectual. Assim, consideramos fundamental investigar como a leitura e a reflexão, continuariam a serem aspectos essenciais à formação docente na atualidade.

Palavras-chave: Filosofia. Leitura. Formação Docente.

ABSTRAT

The aim of this paper is to reflect on the relevance of Philosophy of Education for teacher training. To better, analyze this influence, checking our study considering two authors who lived in the Middle Ages particularly because they were masters. The first to consider is Hugo de Saint -Victor (1096-1141). The second is the Dominican friar Thomas Aquinas (1225-1274), University of Paris in the thirteenth century, in its second half. These teachers show us how it is important reading and reflection for the intellectual formation. Thus, we consider important to investigate how reading and reflection, would continue to be key aspects of teacher education today.

Keywords: Philosophy. Reading. Teacher Training.

INTRODUÇÃO

Com o propósito de analisar a relação do conhecimento de autores medievais e a importância que seus estudos trazem para a atualidade, focalizamos nosso estudo em Hugo de Saint-Victor (1096-1141) e Tomás de Aquino (1225-1274).

Para entendermos esses estudos da perspectiva dos autores, buscamos compreender suas obras dentro do contexto histórico que viveram, incluindo as transformações sociais, políticas e culturais dos séculos XII e XIII.

A obra *Didascálicon. Da arte de ler* é um manual¹ do século XII, no qual o mestre Vitorino apresenta a metodologia da leitura dizendo que não se deve desprezar escrito algum, de nenhum autor ou doutrina, pois, para ele, de todo texto podemos aproveitar algo.

De Magistro de Tomás de Aquino, mostra uma nova concepção de ensino/aprendizagem apresentada pelo autor que vem em divergência as doutrinas dominantes da época. Tomás de Aquino defende a tese da unicidade da alma com o corpo como o princípio da vida, contrastando com a teologia dominante na época em que a alma era fragmentada em “alma espiritual”, “alma sensitiva” e “alma vegetativa”. Nessa nova pedagogia, o mestre Tomás conceitua uma forma de debate em que o aluno passa de apenas ouvir o mestre a participar da discussão no ambiente intelectual que se desenvolvia nas escolas. O mestre via essa pedagogia como uma forma do aluno mostrar suas ideias com honestidade enquanto apresentava seus argumentos para o tema exposto.

Como podemos observar, esses autores nos mostram tendências de ensinar inovadoras para o seu tempo. Assim, iniciaremos considerando a origem da instituição como a principal transformação do século XIII, seguindo por mostrar mais a essência que os autores apontavam para a formação de uma nova forma de ensino.

¹ É importante salientar que não podemos considerar o conceito de manual na Idade Média como entendemos hoje. Para aquele período, manual estaria vinculado aos preceitos gerais que uma pessoa precisaria conhecer para se chegar a *sabedoria*, não era, portanto, um ‘livro’ de orientação técnica instrucional ou de dados gerais e superficiais como nos dias atuais.

SÉCULO XII E XIII: ORIGEM DAS UNIVERSIDADES

Principiaremos nossa abordagem discutindo o contexto em que a instituição Universidade surgiu e as transformações sociais que ocorreram no início do século XIII.

Esse período, segundo Oliveira (2005), foi marcado por profundas mudanças sociais que propiciaram o surgimento das Universidades e ao mesmo tempo foram influenciadas por elas.

Ao observarmos a história do século XII e início do século XIII, relacionamos o surgimento das Universidades e as transformações sociais que ocorreram no Ocidente medieval nesse período. Com o surgimento das Universidades rompeu-se a ideia de isolamento presente nos mosteiros, mostrando aos homens medievais o novo momento de suas vidas. A Universidade possibilitou aos homens buscarem algo novo por meio da razão laica a explicações para suas relações, e não somente por meio da religião.

Segundo Oliveira (2005), apesar de ser algo novo no século XIII, a Universidade adquire um novo caráter à sociedade, que até então se preocupava somente com as explicações divinas, passando a observar coisas terrenas do cotidiano. Ela constituiu um espaço que possibilitou aos homens aceitarem as diferenças entre si, tornando-se um lugar de universalidade dos conhecimentos e de relações. Estes espaços atraíram homens de diferentes regiões da Europa que trouxeram consigo uma extensa bagagem de experiência e de cultura.

Para a autora, as transformações iniciaram no século XII, seguido de mudanças na época como o progresso do pensamento filosófico, a inquietação do pensamento religioso, até então constante na sociedade, o aparecimento de estilos artísticos e novas instituições, promovendo assim mudanças na vida social, cultural e política dos cidadãos:

[...] o surgimento das Universidades, no século XIII, não constitui um fato isolado. Elas não surgem repentinamente, mas são o resultado de transformações que vinham ocorrendo de há muito na sociedade e que produziam profundas alterações em todos os níveis das relações sociais, especialmente na cultura (OLIVEIRA, 2005, p. 7).

Essas transformações chegaram também ao comércio. Assim, a partir da revolução que vinham acontecendo no comércio e a origem de novas cidades, o saber (ler, escrever, calcular) que antes era restrito somente aos homens da Igreja e aos nobres, passou a ser condição vital dos mercadores. Durante esse desenvolvimento, o mercador produziu uma necessidade do 'saber' para seus negócios, principalmente na área da escrita, do cálculo, da geografia e nas línguas (Oliveira, 2005).

As mudanças que possibilitaram o surgimento das Universidades, também foram influenciadas por elas. Com a aproximação das regiões da Europa que a Universidade oportunizou, também foi possível o amadurecimento do comércio e o surgimento das corporações de ofício para a exportação. As corporações de ofício eram associações organizadas para defender o interesse dos trabalhadores de cada profissão e poderiam ser divididos entre mestres, sendo estes os donos das oficinas, os oficiais, que eram os que tinham experiência e os aprendizes, que eram os jovens no início da carreira. Com a nova relação das Universidades e das demais instituições medievais, o feudalismo se dissipa e o poder da monarquia começa a aumentar. Os príncipes e reis começam a fundar novas Universidades e modificar as existentes, pois dessa maneira poderiam aumentar o poder político da monarquia e intervir diretamente na independência da instituição.

Podemos afirmar, portanto, que os principais elementos que compõem o apogeu e a decadência do mundo medieval encontram-se presentes nesta época, ou seja, no período áureo do medievo, o século XIII (OLIVEIRA, 2005, p. 9).

A mudança no ensino não foi radical, pois a Igreja manteve-se vinculada ao ensino durante toda a Idade Média, no entanto, junto com o ensino da teologia, que predominava, os homens começaram a buscar outros conhecimentos e outras formas de aprendizagem. Assim, com o desenvolvimento da vida nas cidades em um ritmo vigoroso, foi alterando, de forma significativa, o modo de vida das pessoas na área econômica e na relação entre as diferentes classes sociais, pois nas cidades as pessoas se sentiam mais seguras, mesmo com a redução das guerras, e encontravam diversidade de empregos.

À medida que os homens foram adquirindo conhecimento, notou-se que a língua e a escrita precisavam ser claras e fáceis para o povo, deixando, assim, de

usar o latim e passando a usar a língua das regiões de comércio. Oliveira (2005) faz referência a Le Goff quando se trata da concentração da linguagem do comércio em que o autor cita o francês como a mais comum, sendo posteriormente substituída pelo italiano e alternando popularidade da língua com a atividade dos mercadores. A mudança no cálculo também foi importante na vida cotidiana, no comércio e na Universidade. Mas apenas a partir do século XIII passou-se a usar objetos práticos para um ensino se tornar mais simples, como o manuseio do ábaco e tabuleiro de xadrez. A autora ainda acrescenta que a aprendizagem da geografia prática e da história também teve grande importância, pois era preciso se localizar e compreender os acontecimentos que estavam presentes nas suas atividades sociais.

A vida das cidades passou a ser apresentada por trabalhos especializados como os comerciantes e os artesãos e o ensino se tornou um desses trabalhos. Segundo Oliveira (2005), os intelectuais percebem que a vida se realiza no movimento agitado de mudanças, tornando necessário uma nova forma de ensinar e, principalmente, de aprender. O intelectual tem a clareza que o conhecimento não pode ser guardado para si.

É nesse momento que surge a Universidade como um novo espaço de desenvolvimento de cultura. A Universidade e as cidades fazem parte do mesmo processo de transformação social desde o século XII, e que, no entanto, têm uma distinção de no processo de construção de suas bases e ao mesmo tempo não podem ser estudados separadamente (Oliveira, 2012).

O conhecimento da história constitui condição primária para se compreender que as verdades do passado eram, de fato verdades para aqueles homens que nela acreditavam, independentemente, do que possamos hoje pensar a respeito. A 'aceitação do passado' é um passo decisivo para se construir o conhecimento presente (OLIVEIRA, 2012, p.24).

Em concordância com a citação da autora, acreditamos que o estudo do passado, em especial das Universidades, nos possibilita compreender a história da corporação, relacionando com nossa formação e a instituição contemporânea que estudamos, acreditando que este é um espaço de formação humana e intelectual.

Para a autora “[...] o conhecimento da história é condição para que possamos saber quem somos, como fomos produzidos e como as instituições foram criadas”. Oliveira (2012) ainda acrescenta que as leituras de Hugo de Saint-Victor e de Tomás

de Aquino são fundamentais, pois eles escreveram sobre a importância de conhecermos autores do passado para tirarmos lições da história.

Esses autores são essenciais para nosso estudo, pois nos remetem a um entendimento de que a sabedoria é alcançada à medida que as pessoas se dedicam a leitura, afinal, todo conhecimento adquirido pelos homens, durante a história, está registrado, em grande parte, sob a forma da escrita. Mas é preciso ter cuidado ao estudar o passado, pois é imprescindível evitar os julgamentos e os conceitos prévios.

Tal como as relações entre memória e história, também as relações entre passado e presente não devem levar à confusão e ao ceticismo. Sabemos agora que o passado depende parcialmente do presente. Toda a história é bem contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, aos seus interesses, o que não é só inevitável, como legítimo. Pois que a história é duração, o passado é ao mesmo tempo passado e presente. (LE GOFF, 2003, p. 51).

Partindo do pressuposto que o homem só pensa e age dentro do seu contexto histórico, a história é altamente esclarecedora. O autor atribui a palavra memória a um conceito relevante, em que pode estar em aceitação com a vida. Le Goff (2003) nos permite compreender o surgimento das Universidades como uma preservação do saber.

Segundo Bloch (2001) a sociedade ocidental sempre esteve interessada na memória e no passado como maneira de trazer as lições e reflexões, sendo herança do cristianismo. No entanto, toda civilização possui a capacidade de mudar. Para o autor ainda, para compreender a história de um modo geral, é necessário deixar o trabalho individual e procurar um trabalho em equipe para que o trabalho fique completo, sendo que nenhum estudioso poderia compreender a história completa sozinho, pois a história é muito ampla e depende de várias interpretações para acompanhar o movimento da historiografia. Isso se estende a estudos na Universidade, inclusive atual, pois não seria possível a compreensão de estudos sem a combinação dos trabalhos já realizados por outros autores.

DA ARTE DE LER: INSTRUÇÕES PARA LEITURA

A relevância da obra *Didascálicon da arte de ler*, de Hugo de São Vitor, para a análise da importância de ler é indiscutível. Ao longo da sua obra, o mestre apresenta

os conceitos e definições que mostram como e o que ler e uma introdução do saber, orientando seus estudantes em suas leituras. Fica explícito que o caminho do método para o aprendizado condiz em iniciar pelas coisas mais conhecidas para então chegar às mais complexas. Hugo de São Vitor enfatiza que “São três as regras fundamentais para a leitura: *primeiro*, saber o que se deve ler; *segundo*, em que ordem se deve ler, ou seja, o que ler antes, o que ler depois; *terceiro*, como se deve ler” (HUGO DE SAINT-VICTOR, 2001, p.45).

Nas próprias palavras do autor, *Didascálicon*, ‘dá instruções’ para leituras, dividido em duas partes. A primeira parte trata de leituras profanas e de todas as artes que existiam no século XII. A segunda parte é voltada ao estudo das Escrituras Sagradas.

Procurando fundamentar filosoficamente a sabedoria, Hugo de São Vitor sempre mostra que Deus é a explicação para seus ensinamentos, justificando que a sabedoria é divina, mas também, é humana. Divina por ser explicada pela religiosidade cristã Segundo as mandamento de Deus, e humana por ser realizada pelo e para o homem. Devemos considerar que para os homens medievais o intelecto é um dom divino apesar de humano, já que os homens são imagem e semelhança de Deus. Então, para chegar a um pensamento reflexivo, o mestre instiga seus estudantes a ter discernimento para ler tudo e todos, para saberem distinguir o que é bom do que é ruim. Propondo que pela sabedoria, os homens chegam a quase perfeição divina, ou seja, a sabedoria não estaria ligada a conhecer Deus, mas agir de forma quase tão perfeita como Deus:

O estudante prudente, portanto, ouve todos com prazer, lê tudo, não despreza escrito algum, pessoa alguma, doutrina alguma. Pede indiferentemente de todos aquilo que vê estar-lhe faltando, nem leva em conta quanto sabe, mas quanto ignora. [...] Por que, então, você se envergonha de aprender, e não se envergonha de ser ignorante? [...] Avalie, antes, aquilo que tuas forças podem sustentar. Avança bem, quem avança ordenadamente. [...] Não queira, portanto, apressar-se demais. Deste modo você chegará mais cedo para a Sabedoria. Aprenda de todos com prazer aquilo que você não conhece, porque a humildade pode tornar comum para você aquilo que a natureza fez próprio para cada um. (HUGO DE SAINT-VICTOR, 2001, p. 157).

Entendemos ignorância como o fato de “ignorar o conhecimento”. Para o mestre, devemos sempre buscar o conhecimento por meio do estudo, leitura e pesquisa. Não devemos nos sentir constrangidos por não saber, mas aprender a buscar o conhecimento de maneira humilde. Para o Mestre, o estudo demanda

pesquisa, meditação, tempo e perseverança, pois não se aprende com profundidade, o conhecimento se praticado de forma aligeirada

Ao longo da obra, o mestre Vitorino estimula seus alunos a conhecer e não desperdiçar nenhum saber, pois cada leitura tem muito a ensinar e o desprezo pelo conhecimento revela vaidade. Outro ensinamento importante é de como tornar-se um bom estudioso:

O bom estudioso deve ser humilde e manso, afastando totalmente das preocupações vãs e dos ilícitos das volúpias, diligente e constante, para que aprenda com prazer de todos, nunca presuma de sua ciência, fuja dos autores de doutrinas perversas como do veneno, aprenda a refletir longamente sobre alguma coisa antes de julgá-la, não queira aparecer douto, mas sê-lo, ame os ensinamentos aprendidos dos sábios e procure tê-los sempre diante dos olhos como espelho do seu próprio rosto. E se, por acaso, certas coisas mais obscuras não são admitidas por sua inteligência, o bom estudioso não prorrompa em impropérios, como se cresse que nada é bom a não ser aquilo que ele pode entender. Esta é a humildade da disciplina do estudante (HUGO DE SAINT-VICTOR, 2001, p. 159).

O mestre Vitorino afirma que é preciso ser humilde e tranquilo para que aprenda a refletir, antes de julgar, os ensinamentos aprendidos por meio dos sábios, sem menosprezar o conhecimento ou ler sem interesse, sem dedicação e/ou meditação. Hugo de São Vitor ressalta que o bom estudioso não se manifesta de forma ofensiva ao que desconhece julgando que apenas seu conhecimento é o melhor e o ensinamento que ainda não entendeu é desnecessário, mas sim, estar aberto ao conhecimento. No entanto, o Mestre considera que o estudo deve ser afastado de doutrinas perversas, ou seja, conhecimento que não ensinam sabedoria, somente dogmas.

Hugo de São Vitor observa, ainda, a dedicação à pesquisa como um instrumento importantíssimo, apesar de apresentar desafios no período medieval. Para ele, nos tornamos humanos pela sabedoria e esta é alcançada com diligência, assim, essa sabedoria nunca envelhecerá.

A sabedoria é intrínseca à filosofia, tanto que não há ruptura entre sabedoria e filosofia em toda a obra analisada. Segundo seu ponto de vista, a filosofia serve de base para as demais artes e disciplinas, pois a filosofia e a sabedoria estão entrelaçadas, transformando-se em fundamento para se chegar ao conhecimento supremo.

A filosofia é, portanto, o amor, a procura, e uma certa amizade para com a Sapiência, mas não aquela sabedoria que se ocupa de tecnologias e de ciências produtivas, e sim aquela Sapiência que, não carecendo de nada, é mente viva e “única razão primordial das coisas”. (HUGO DE SAINT-VICTOR, 2001, p. 53).

A arte esta relacionada à Filosofia, designando a amor a sabedoria divina. A busca pela Sapiência² nos torna mais próximos ao ‘espírito inteligente’, chegando ao conhecimento supremo. Para o Mestre, quando o homem esta filosofando, a Mente Divina esta iluminando sua mente e isso torna esta Sabedoria a razão das coisas, pois uma vez na Mente Divina não haverá esquecimento, e não precisar de nada, pois esta é completa em sua totalidade.

[...] “A filosofia é a arte das artes e a disciplina das disciplinas”, isto é, aquela para a qual todas as artes e disciplinas olham. Pode ser denominado arte aquilo que “consiste das regras e dos preceitos de uma arte”, como é o escrever, e disciplina uma ciência “considerada completa” [...]. (HUGO DE SAINT-VICTOR, 2001, p.83-84).

Dito de outro modo, o ato de ler é uma arte³ que está diretamente ligada ao conhecimento, ou seja, ler é uma arte divina. O Mestre explica seu conceito de arte e disciplina partindo do preceito de Platão e Aristóteles onde, arte é algo opinável enquanto a disciplina deve ter argumentações verdadeiras não podendo ser contraditória.

Para o mestre não basta conseguir ler em expressiva quantidade se não houver uma ordenação, pois a quantidade não significa qualidade nos estudos, uma vez que pode ser lido muito e compreendido pouco. Nesse sentido, é necessário um método, segundo o mestre, é preciso saber o que se faz necessário decidir o que estudar e como estudar, ou seja, o que ler e como ler. Também, ter o hábito de ler é o caminho para se adquirir uma boa compreensão do que se está estudando.

Entre estes [...] degraus, o primeiro degrau, a leitura é dos principiantes e o supremo, ou seja, a contemplação é dos perfeitos”. Com relação aos degraus do meio, quanto mais a pessoa ascende, tanto mais é perfeita. (HUGO DE SAINT-VICTOR, 2001, p. 229).

² A palavra Sapiência durante o texto substituindo a palavra sabedoria, mas o autor se refere a sabedoria que provem de Deus.

³ A Arte, para Hugo de Saint Victor é vista como criação de Deus.

Hugo de São Vitor apresenta a leitura como um modo de começo para a sabedoria através da filosofia, deixando o homem mais próximo da perfeição de Deus, o que torna essa sabedoria mais humana.

Sabemos que o conhecimento adquirido pelos homens, na história, de modo geral, está registrado na forma de escrita. Acreditamos que as formas que este mestre trilhou tenham influenciado sua época e autores que eram contemporâneos seus, no século XII, sobre o conceito de sabedoria, orientação dos estudos e como a leitura potencializa a pessoa para o conhecimento e para a ordenação dos estudos.

TOMÁS DE AQUINO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Analisaremos também um dos mais influentes filósofos e teólogos da Idade Média, Tomás de Aquino. Apesar de seu pensamento ser importante na atualidade, ainda pode ser encontrada resistência nos docentes nos que estão em formação, em ter contato com suas obras, não entendendo sua importância e a necessidade de ler e ensinar Tomás de Aquino, com a justificativa de este ter vivido há tanto séculos.

Entre as questões mais importantes de Tomás de Aquino, podemos ressaltar a formação da pessoa. Oliveira (2012) reflete sobre a importância da leitura e escritos de Tomás de Aquino na formação do professor explicando que precisamos fazer com que nossas crianças sejam e se sintam pessoas para que possam caminhar para a sabedoria. Isso somente será possível se as ensinarmos a aprender. Formamos pessoas não apenas por aquilo que dizemos, mas principalmente por nossas atitudes. Temos que ter consciência que dois aspectos ensinam de fato: o exemplo e a leitura.

Tomás de Aquino, ao refletir sobre o ensino, mostra a necessidade de o mestre possuir o conhecimento que deseja passar:

E é por isso que se diz que o professor ensina o aluno: porque este processo da razão – que a razão natural faz em si – é proposto por fora pelo professor por meio de sinais, e assim a razão do aluno – por meio

do que lhe é proposto como certos instrumentos de ajuda – atinge o conhecimento do que ignorava (TOMÁS DE AQUINO,2004, p.32).

Tomás de Aquino apresenta a ideia de que o homem não possui uma razão inata e que o professor deve induzir o conhecimento por meio de debates, sendo chamado de mestre.

Segundo Oliveira (2012), a necessidade de conhecer este autor para educadores é evidente, pois devemos formar as crianças como cidadãos que saibam conviver em sociedade. Para isso, é preciso que na infância sejam cultivados os princípios da ética e da moral e da vida em sociedade.

Para Tomás de Aquino, a pessoa é dotada de intelecto, por isso teria potencial para aprender e ensinar, mas os homens não nasciam com o conhecimento. Estes deveriam estar em processo contínuo de aprendizagem com a descoberta e o ensino. Segundo o autor, o ensino deriva do cotidiano dos homens para ter sentido para aquele que vai aprender. Assim, a sua proposição é que devemos partir do mais simples para chegarmos a conhecimentos mais complexos.

Para formarmos cidadãos conscientes e que saibam refletir e que, quando adultos, sejam e se sintam pessoas para que possam apresentar e interpretar sua sabedoria é necessário que ele aprenda e retenha, para si, o conhecimento, desde a infância.

A definição de ensino de Tomás de Aquino é bastante importante [...] e a ideia de que o conhecimento não é inato no homem. Só existe ensino quando o mestre infunde no aluno uma ação, ou seja, quando atua de forma a modificar o educando e quando este se modifica em virtude de algo que recebeu externamente de outra pessoa. Em suma, só é ensino quando há transformação naquele que aprende, por conseguinte, o conhecimento torna-se, também, ato no educando (OLIVEIRA, 2012, p.111).

O conhecimento não é inato no aluno, o que o não torna capaz de adquirir o conhecimento por si mesmo. Mas a transformação do conhecimento só pode ser uma virtude transmitida pelo mestre

O professor deve se preocupar, além da prática docente, com a formação de cidadãos conscientes e reflexivos, pois temos também o papel de orientar, e não

apenas ensinar, acreditando que teremos ‘futuros adultos’ com princípio e conservação da sociedade, pois provocamos o conhecimento no aluno também através do exemplo.

SOBRE O ENSINO: QUAESTIONES DISPUTATAE DE VERITATE⁴

Em *Sobre o Ensino (De Magistro)* de Tomás de Aquino, foram extraídos trechos da *Quaestio Disputata* intitulada *De Magistro*⁵. Logo na introdução temos uma breve apresentação do que seria a relação pedagógica das *quaestiones disputatae*.

Uma *quaestio disputata* está dedicada a um tema [...] e divide-se em artigos, que correspondem a capítulos ou aspectos desse tema. [...]. primeiro enuncia-se a tese de cada artigo (já sob forma de polemica: (“*Utrum...*”) e a *quaestio* começa por um *videtur quod non...* (“Parece que não...”), começa por dar voz ao adversário pelas *obiectiones*, objeções à tese que o mestre pretende sustentar (LAUAND, 2004, p. 4).

As *questiones disputatae* são atemporais, pois o diálogo e argumentos presentes na época se tornaram importantes para a Universidade atual, talvez mais que para a Universidade medieval (LAUAND, 2004). O mestre instigava os alunos através de sinais e outros instrumentos fazendo-os chegarem ao conhecimento.

Nos textos de Tomás, após as objeções, levantam-se contra-objeções (*sed contra*, rápidas e pontuais sentenças colhidas em favor da tese do artigo; ou algumas vezes *incontrarium*, que defendem uma terceira posição que não é a da tese nem a das *obiectiones*). Após ouvir estas vozes, o mestre expõe tematicamente sua tese no corpo do artigo, a *responsio* (solução). Em seguida, a *responsio ad obiecta*, a resposta a cada uma das objeções do início (LAUAND, 2004, p.5).

Tomás de Aquino, com suas transformadoras questões pedagógicas e concepções filosóficas, defendia que o homem em sua totalidade era formado de espírito

⁴ Questões Disputadas sobre a Verdade.

⁵ Usamos a tradução de Luiz Jean Lauand de 2001.

e matéria, contrariando a teologia dominante na época que separava a alma do corpo. Perante essa divergência de teologias, Tomás de Aquino apresenta artigos que compõem a *quaestio disputata De Magistro*: 1) Se o homem – ou somente Deus - pode ensinar e ser chamado de mestre; 2) Se se pode dizer que alguém é mestre de si mesmo; 3) Se o homem pode ser ensinado por um anjo; 4) Se ensinar é um ato da vida ativa ou da vida contemplativa.

No Artigo I, é apresentado o tema sobre o título de mestre e a propriedade do ensino. A tese é apresentada se essas atribuições devem ser unicamente de Deus ou se os homens também podem ser chamados de mestres. Após a apresentação dos argumentos que defendem que somente Deus pode verdadeiramente ensinar e ser chamado de mestre é apresentada a objeção posicionando-se em defesa do homem em sua capacidade de ensinar. Tomás de Aquino defende que tanto Deus quanto o homem tem capacidade de induzir ao conhecimento, podendo ser chamados de mestres. Entretanto, deve-se atentar ao chamar o homem de mestre, pois a ele não pode ser atribuído a conhecimento de Deus. Pois o homem é capaz de “ajudar” com o ensino exterior, mas somente Deus é capaz de iluminar o homem para o conhecimento verdadeiro.

No Artigo II, é discutido se o homem pode ensinar a si mesmo, sendo seu próprio mestre. No primeiro momento o tema é defendido perante afirmação de que com o conhecimento o homem tem a capacidade de conduzir o intelecto de outro pode ser chamado de mestre de si mesmo. Em contradição, é dito que o professor deve ter conhecimento enquanto o aluno não o pode ter, pois espera recebê-lo, assim não é possível o homem ser chamado de mestre de si mesmo. Para Tomás de Aquino, deve-se considerar que o homem pode chegar ao conhecimento através da descoberta, mas não se deve achar que ensina a si mesmo.

Se bem que o modo de aquisição do conhecimento por descoberta seja mais perfeito por parte de quem recebe o conhecimento, pois manifesta uma maior habilidade em conhecer, pois manifesta maior habilidade em conhecer, no entanto, por parte de quem causa o conhecimento, é mais perfeito o que se adquire pelo ensino porque o professor, que explicitamente conhece todo o conteúdo, pode conduzir ao conhecimento de modo mais expedito do que o caminho daquele que por si mesmo se conduz ao conhecimento a partir dos princípios gerais (TOMAS DE AQUINO, 2004, p. 42).

No Artigo III, é questionado se os anjos também podem ensinar os homens. É apresentado primeiramente como objeção, pois só seria possível os anjos transmitirem conhecimento como milagres, pois o ensino exterior pois esse é o papel do homem, nem interiormente pois é apanágio de Deus. Em seguida é dito que o homem é inferior aos anjos, assim se um homem pode ensinar outro homem, um anjo poderá ensinar um homem. No entanto, é mostrado que os anjos são inferiores a Deus, por isso não podem dar a luz intelectual à alma humana, mas são superiores aos homens, mas seu ensinamento também deve ser considerado exterior.

No último artigo, discute-se o ensinar como ato de vida ativa ou contemplativa. Tomás de Aquino soluciona dizendo que “o ato de ensinar é próprio da vida contemplativa, em função da ativa”. De algum modo o ensino pertence tanto à vida ativa quanto a vida contemplativa, no entanto, a visão do professor é o princípio do ensino e esta visão é mais contemplativa que ativa (AQUINO, 2004).

Ao estudarmos Tomás de Aquino devemos entendê-lo como um homem de seu tempo que segue os preceitos da Igreja, mas ao mesmo tempo, nos apresenta inovações que foram influencias para a filosofia e o ensino atual.

Nesse sentido, Tomás de Aquino mostra como a educação é um processo crucial no desenvolvimento humano e apresenta uma nova concepção pedagógica onde o homem é capaz de induzir outro ao saber. Portanto, é o próprio homem que constrói seu processo de conhecimento, com a ajuda do mestre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo analisamos as concepções vitoriana e tomasiana sobre o ensino e a importância desse processo para a formação humana. Destacamos o surgimento das Universidades e o contexto histórico de sua formação como instituição. Acreditamos que os autores utilizados nos ajudaram a compreender a instituição como formadora de cidadãos e a educação da época.

Com o estudo de Bloch (2001) e Le Goff (2003) compreendemos a necessidade de buscar o passado por meio de vestígios e como o conhecimento da história nos permite condição para entender o passado e construir o conhecimento presente.

Analisamos o ensino do ponto de vista de dois mestres medievais. No primeiro momento, verificamos como Hugo de Saint-Victor compreende o ensino e como o mestre leva seus alunos a buscar o conhecimento e a Sapiência através de sua obra que dá instruções de como seus alunos devem estudar.

No segundo momento, o mestre tomasiano nos apresenta sua concepção pedagógica inovadora para a época, onde o mestre dispunha de um tema e deixava que os discentes debatessem sobre ele até que os mostre a solução para as questões.

Enfim, pudemos nos certificar que os estudos da origem das Universidades e de importantes autores do período como Hugo de São Vitor e Tomás de Aquino são relevantes para a Filosofia da Educação e para a formação de educadores da atualidade, pois as obras estudadas desses autores nos levam a compreensão de que a leitura é o principal ponto de partida do estudo, sendo essencial para docentes, alunos e sociedade nos levando a reflexão.

Partindo do pressuposto que é de conhecimento dos discentes a importância da Filosofia da Educação para os cursos de formação de professores é possível observar o descaso de alguns dos futuros docentes com a disciplina.

A proposta deste trabalho foi buscar, a partir de autores medievais, um modelo de prática docente comprometida com a transformação social e com um ensino de qualidade, mostrando a necessidade da leitura e da reflexão.

REFERÊNCIAS

BLOCH, M. **Apologia da história**, ou, O ofício do historiador. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

HUGO DE SAINT-VICTOR. **Didascálicon**: Da arte de ler. Petrópolis: Vozes, 2001.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

OLIVEIRA, T. **As Universidades na Idade Média (séc. XIII)**. São Paulo: Mandruvá, 2005.

OLIVEIRA, T. **Ensino e debate na Universidade Parisiense do Século XIII**: Tomás de Aquino e Boaventura de Bagnoregio. Maringá: Eduem, 2012.

TOMÁS DE AQUINO. **Sobre o ensino (De Magistro)**, os sete pecados capitais. Trad. Jean Luiz Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 2004.